

Revista Adventista

Como já foi anunciado na REVISTA ADVENTISTA, estão feitos planos para a realização de dois acampamentos no Verão — um para jovens dos 16 aos 30 anos, de 11 a 20 de Agosto, e outro para menores dos 8 aos 15 anos, de 21 a 30 do mesmo mês.

Se bem que já se tenham realizado alguns acampamentos de restrito âmbito quanto a assistência e a duração, é este verdadeiramente o primeiro acampamento em larga escala que o Movimento Adventista leva a efeito em Portugal.

Destina-se aos nossos jovens, de ambos o sexos, de todo o País, e é superiormente dirigido pelo Departamento dos M. V.

Estará igualmente presente o Pastor J. J. Aitken, secretário dos M. V. da Divisão Sul-Europeia e grande amigo da juventude.

O maior problema a resolver tem sido a escolha do local. Fizeram-se várias tentativas para obter autorização para se realizar em algumas quintas particulares — desde a da Cardiga, no centro do País, perto do castelo de Almourol, até uma bela propriedade junto do mar, na serra da Arrábida. Todas essas tentativas foram, porém, infrutíferas até ao momento presente. Defrontámos com recusas ou, quando muito, com o adiamento da resposta para mais tarde.

Optámos, assim, pela escolha da Quinta de Santo António, em Portalegre. O único defeito que tem é o facto de ser nossa. Se a outrem pertencesse e nos fosse facultada, certamente apreciaríamos muito a oportunidade de a desfrutar.

Oferece diversas vantagens, entre as quais não são para desprezar as facilidades de alojamento e cozinha. Os ares são esplêndidos e os panoramas são cheios de beleza. Providos de barracas, farão os jovens saídas mais ou menos demoradas à serra de S. Mamede e a outros vizinhos locais de encantadora beleza.

Muitos que já passaram por Portalegre poderão aproveitar a oportunidade para matar saudades...

A DESPESA DIÁRIA SERÁ APENAS DE 10\$00.

As inscrições devem ser feitas desde já através dos obreiros das diferentes igrejas. O prazo terminará em 15 de Julho.

As idades acima indicadas constituem requisito indispensável para a inscrição. **NÃO SE ADMITEM EXCEPÇÕES.**



Se os pais desejam proporcionar a seus filhos alguns dias de especial prazer espiritual, de revigoramento físico, de são convívio social e de instrução amena, não deixem de fazer o possível para que seus filhos aproveitem esta oportunidade.

Estamos certos de que, para cada jovem, os dez dias melhores de 1952 serão aqueles que irá passar no acampamento.

O Secretário do Departamento dos M. V.
da União Portuguesa

ACAMPAMENTOS NO VERÃO

Usos e abusos da música

por E. G. WHITE

Fazia-se com que a música servisse a um santo propósito, a fim de erguer os pensamentos àquilo que é puro, nobre e elevado, e despertar na alma devoção e gratidão para com Deus. Que contraste entre o antigo costume, e os usos a que muitas vezes é a música hoje dedicada! Quantos empregam este dom para exaltar o eu, em vez de usá-lo para glorificar a Deus! O amor à música leva os incautos a unir-se com os amantes do mundo nas reuniões de diversões aonde Deus proibiu a Seus filhos irem. Assim o que é uma grande bênção, quando devidamente usado, torna-se um dos mais bem sucedidos factores pelos quais Satanás distrai a mente, do dever e da contemplação das coisas eternas.

A música faz parte do culto de Deus, nas cortes celestiais, e deveríamos esforçar-nos, em nossos cânticos de louvor, por nos aproximar tanto quanto possível da harmonia dos coros celestiais. O devido adestramento da voz é um aspecto importante da educação, e não deveria ser negligenciado.

Talento e Influência

Há os que têm dom especial para cantar, e há ocasiões em que uma mensagem especial é transmitida por um solo ou um hino cantado por vários. Mas raro deve o canto ser feito por uns poucos. A habilidade de cantar é um talento de influência, o qual Deus deseja que todos cultivem e usem para glória de seu nome.

Em afinação com os Músicos Celestes

Quando os seres humanos cantam com o espírito e o entendimento, os músicos celestes apanham a melodia e a eles se unem no cântico de acções de graças. Aquele que nos concede todos os dons que nos habilitam a ser coobreiros de Deus, espera que Seus servos cultivem a voz de modo que possam falar e cantar de maneira a todos entenderem. Não é o cantar alto que se requer, mas entonação clara, pronúncia correcta e distinta. Tomem todos tempo para cultivar a voz, de maneira que o

louvor de Deus possa ser cantado em tons claros e suaves, sem os sons cuja asperaza ofendam o ouvido. A habilidade em cantar é um dom de Deus; seja ele empregado para Sua glória.

Nas reuniões, escolha-se certo número para tomar parte no serviço de canto, e seja o mesmo acompanhado de instrumentos habilmente tocados. Não nos devemos opor à música instrumental em nossa obra. Esta parte do serviço deve ser cuidadosamente dirigida; pois é o louvor de Deus em cântico.

O cântico não deve ser sempre feito por uns poucos. Tão repetidamente quanto possível, permita-se que toda a congregação nele tome parte.

Deus glorificado pelo Cântico

Deus é glorificado por hinos de louvor partidos de um coração puro, cheio de amor e devoção para com Ele.

Mau emprego da música

Adejam anjos em torno de uma habitação além. Jovens estão ali reunidos; ouvem-se sons de música em canto e instrumentos. Cristãos acham-se reunidos nessa casa; mas que é que ouvis? Um cântico, uma frívola canção, própria para o salão de baile. Vêde, os puros anjos recolhem para si a luz, e os que se acham naquela habitação são envolvidos pelas trevas. Os anjos afastam-se da cena. Têm a tristeza no semblante. Vêde como choram! Isto vi eu repetidamente pelas fileiras dos observadores do sábado, e especialmente em ————. A música tem ocupado as horas que deviam ser devotadas à oração. A música é o ídolo adorado por muitos professos cristãos observadores do sábado. Satanás não faz objecções à música, uma vez que a possa tornar um caminho de acesso à mente dos jovens. Tudo quanto desviar a mente de Deus, e empregar o tempo que devia ser votado a Seu serviço, serve aos fins do inimigo. Ele opera através dos meios que mais forte influência exercam para manter o maior número possível numa aprazível absorpção, enquanto se acham paralisados por seu poder. Quando empregada para bons fins, a música é uma bênção; mas é muitas vezes usada como um dos mais

atractivos instrumentos de Satanás para enredar almas. Quando mal empregada, leva os não consagrados ao orgulho, à vaidade, à estultícia. Quando se lhe permite tomar o lugar da devoção e da prece, é uma terrível maldição. Jovens reúnem-se para cantar e, se bem que cristãos professos, desonram frequentemente a Deus e sua fé por frívolas conversas e a escolha que fazem da música. A música sacra não está em harmonia com seus gostos. Minha atenção foi dirigida aos positivos ensinamentos da palavra de Deus, que haviam sido passados por alto. No juízo todas essas palavras da inspiração hão-de condenar os que lhes não deram ouvidos.

A música é uma força para o bem

A música pode tornar-se uma grande força para o bem; todavia, não aproveitamos devidamente esse ramo de culto. O canto é em geral feito por impulso, ou para satisfazer casos especiais, e outras vezes os que cantam têm licença de ir cometendo erros, e a música perde o devido efeito sobre o espírito dos presentes. A música deve possuir beleza, sentimento e poder. Ergam-se as vozes em hinos de louvor e devoção. Se possível, em vosso auxílio a música instrumental, e deixai que ascenda a Deus a gloriosa harmonia como oferta aceitável.

Que foi revelado — As palavras ou as ideias?

por URIAS SMITH

Na revista *Review and Herald*, de 18 de Outubro de 1887, tivemos ocasião de fazer algumas observações acerca do procedimento dos que a todo o transe se opõem à irmã White e à sua obra. A sua preocupação é colocá-la numa falsa luz, representar mal a nossa atitude com referência à sua obra, e depois de terem assim composto um espantalho, empenham-se, com infantil alacridade, em lhe dirigir os seus ataques de ridículo e condenação.

Dizem, por exemplo: «Sabemos que as suas palavras não são inspiradas», querendo assim significar que ela afirma e nós acreditamos que o sejam; e então apresentam o que supõem ser um facto assombroso, isto é, que ela mesma às vezes muda de fraseologia de suas sentenças, emprega secretárias para a ajudarem em preparar as suas obras para o prelo, e insere citações da história. «São também todos esses inspirados?», perguntam, desdenhosamente.

Tudo o que julgámos necessário dizer, em resposta, na folha à qual nos referimos, foi negar *in totum* a acusação implicada, e perguntar quem sustenta, ou jamais sustentou que as suas *palavras* fossem inspiradas; e quem hoje argui que as palavras, a mera linguagem, mesmo das Escrituras Sagradas, sejam inspiradas?

Outra falsa luz fazem incidir sobre o assunto, dizendo que ela não pôde ir a uma localidade qualquer e operar mila-

gres em prova de sua missão, como o faziam os profetas antigos. Respondemos que ela não pretende estar desempenhando o papel de Moisés: que o título de «profetisa» é-lhe dado por seus aponentes, e não é por ela mesma pretendido; e que os profetas antigos, tanto quanto saibamos, não andavam ostentando sua vocação profética, pedindo ao povo que viesse vê-los operarem um milagre em prova da sua reivindicação. Essa acusação é, pois, duplamente tola, visto como, primeiramente, lança uma luz falsa sobre os profetas antigos; e, em segundo lugar, mesmo que os representasse correctamente, seria ainda ilógico usar o procedimento deles para condenar o dela, visto como não pretende ela desempenhar a parte por eles desempenhada.

Um irmão de Arkansas deseja mais luz sobre alguns destes pontos, e pergunta em que sentidos a atitude da irmã White é diferente da de Moisés, visto como foi por meio de Moisés que Deus comunicou instrução ao povo. Respondemos que, se o trato de Deus com Moisés tivesse cessado nesse ponto, teria talvez havido alguma base para comparações; mas não cessou: 1. Moisés era mediador entre Deus e o povo — e hoje ninguém há que exerça esse cargo. 2. Viera naquele tempo uma nova dispensação — o que não é o caso agora. 3. Uma nação inteira estava então migrando de um país para outro, e preci-

sava de ter um guia — mas nenhum movimento desses está em processo agora, nenhuns meios semelhantes são exigidos, e ninguém é chamado para assumir tal posição.

Faz-se depois a seguinte pergunta: Elias não ajuntou o povo para operar diante dele um estupendo milagre? E isto não foi para mostrar quem era o profeta verdadeiro? Respondemos: Não; foi para mostrar o verdadeiro Deus. Elias, é verdade, pretendia ser profeta de Jeová, e ninguém pareceu discutir este facto. Não havia dúvida nisso. A questão a ser decidida era se o Deus de Elias ou Baal era o Senhor. E o milagre decidiu a questão muito positivamente.

Pergunta mais o consulente: «Não é uma palavra o sinal de uma ideia? E como pode então uma ideia ser inspirada e os sinais que transferem a ideia de uma mente para outra não ter inspiração?» Respondemos: Se houvesse apenas uma palavra para expressar uma ideia, talvez isso pudesse ser assim; mas quando há talvez uma centena de modos para expressar a mesma ideia, o caso se torna muito diferente. Naturalmente, se o Espírito ditasse as palavras para uma pessoa escrever, ela seria obrigada a usar aquelas mesmas palavras, sem mudança alguma; mas quando a simples cena ou vista é apresentada à pessoa e nenhuma linguagem é dada, ela terá a liberdade de descrevê-la com suas próprias palavras, como melhor lhe parece expressar a verdade do caso. E se, havendo já escrito, uma melhor maneira de expressar lhe ocorre, é perfeitamente lícito riscar o que já escreveu, para tornar a escrever, conservando estritamente as ideias e os factos que lhe foram apresentados. E na segunda versão haveria, tanto como na primeira, a mesma ideia divinamente comunicada; poder-se-ia dizer que as palavras haviam sido ditadas pelo Espírito Santo, mas foram deixadas ao critério da própria pessoa.

Muito do que os profetas escreveram nas Escrituras são palavras faladas directamente pelo Senhor e não são as suas próprias. Em tais casos, naturalmente, as palavras são inspiradas. Nos escritos da irmã White ela muitas vezes regista palavras que foram ditas por anjos. Tais palavras, naturalmente, ela as escreveu como as ouviu e não tem poder discricionário em relação aos termos a serem usados ou à construção que deve ser seguida.

Essas não são suas palavras e não podem ser mudadas. Mas grande parte do que os escritores bíblicos disseram poderiam eles ter escrito com fraseologia diferente, e as verdades expressas seriam verdades inspiradas do mesmo modo como o são hoje...

Quando João, na Ilha de Patmos, ouviu a voz de majestade e amor se dirigir a ele, foi arrebatado em Espírito, e a voz disse junto a ele: «Escreve o que viste», e não: «Escreve as palavras que te darei». Apoc. 1:11. E quando João diz, no verso 12: «E voltei-me para ver a voz que falava comigo», ele poderia ter dito: «Voltei-me para ver quem falava comigo», e a inspiração teria sido a mesmo. Estes exemplos ilustram o que significamos quando dizemos que as palavras podem não ser inspiradas, enquanto as ideias, os factos, as verdades que essas palavras transmitem podem ser divinamente comunicados.

O mesmo método de arrazoar que os oponentes adoptam em relação à irmã White, quando perguntam se os seus secretários e os historiadores que cita, eram inspirados também, os incrédulos usam contra a Palavra de Deus. Chamamos a Bíblia inglesa um livro inspirado; mas a Bíblia inglesa foi traduzida do original hebraico. Outras traduções têm sido feitas e os tradutores diferem muito na fraseologia de suas traduções; por isso os infieis perguntam: «São todos esses tradutores também inspirados?» E perguntam com o mesmo fundamento e com tanta razão como têm aqueles que referimos acima, ao fazerem a mesma pergunta com relação aos escritos da irmã White. — Editorial, *Review and Herald*, 13 de Março de 1888.

*Assinar a «REVISTA ADVENTISTA»
corresponde a ter à mão um repositório
de artigos do máximo interesse espiritual,
directrizes seguras para a marcha dos di-
ferentes Departamentos e as notícias mais
interessantes do Movimento Adventista
através do Mundo e do campo português.*

O Congresso dos Obreiros Leigos no Porto

De 7 a 10 de Maio teve lugar no Porto o primeiro Congresso de Obreiros Leigos realizado em Portugal. Pelo espírito que o animou e pelas resoluções tomadas, pode considerar-se como verdadeiramente notável na história do nosso Movimento.

Além dos membros do Porto e arredores, estavam presentes mais de cem delegados e obreiros das diversas igrejas do País.

Deram-nos a honra da sua vinda os Pastores A. A. Esteb, secretário associado do Departamento da Missão Interior da Conferência Geral, W. R. Beach, presidente da Divisão Sul-Europeia e F. Charpiet secretário do Departamento da Missão Interior da mesma Divisão. As mensagens e sugestões destes irmãos dirigentes constituíram o elemento mais valioso deste Congresso.

A direcção dos trabalhos esteve a cargo do Pastor Manuel Leal, secretário do Departamento da Missão Interior da União Portuguesa.

O belo templo da Rua Ferreira Cardoso estava acolhedoramente preparado. À frente, sobre a tribuna, em vistoso dístico, o lema: «A Igreja ao trabalho». Nas paredes laterais, os seguintes dizeres em seis cartazes: «Visão para ver! Fé para crer! Coragem para agir!» «Alvo proposto pelo Presidente da Conferência Geral: *DOBREMOS O NÚMERO DE NOSSOS MEMBROS!* Resposta da União Portuguesa: «*Cada membro de igreja ganhando, pelo menos, uma alma!*». «Por longo tempo Deus tem esperado que o espírito de serviço se apodere de toda a igreja, de maneira que cada membro trabalhe para Ele segundo sua capacidade. *Test. Selectos*, vol. 2, p. 122.» «Onde quer que se estabeleça uma igreja, todos os membros devem empenhar-se activamente em trabalho missionário. *Serviço Cristão*, p. 14». «A obra de Deus na terra nunca poderá ser terminada até que os homens e mulheres que constituem nossas igrejas despertem para o trabalho, e unam seus esforços com os dos ministros e oficiais da igreja. *Test.*, Vol. 9, p. 117.» «O tempo é breve, e nossas forças devem organizar-se para se fazer um trabalho mais amplo. *Test.*, Vol. 9, p. 27.»

Na quarta-feira, 7, à noite, realizava-se a sessão de boas vindas. Em nome da

Congregação do Porto, o Pastor J. J. Pires punha a igreja à disposição dos Congressistas e manifestava o seu regozijo por se realizar ali este importante Congresso. As suas palavras jamais foram desmentidas pelos membros da igreja, sempre amáveis e acolhedores.

Nessa noite, bem como nas que se seguiram, tomaram a palavra as nossas ilustres visitas da Conferência Geral e da Divisão Sul-Europeia.

Os trabalhos do Congresso decorreram durante os dias 8 e 9, desde as 9 até às 19 horas, com um breve intervalo para o almoço.

Os assuntos tratados, segundo a agenda, foram os seguintes: A vocação missionária; O trabalho missionário e a terminação da Obra; Trabalho missionário e despertamento; Organização missionária da Igreja; Precisamos de chefes!; Grupos de actividades missionárias; Cursos de Instrução Bíblica; Sábados Missionários; Cultos Missionários; Reuniões Missionárias; Pregadores e obreiros bíblicos voluntários; Cruzada missionária; Difusão de impressos; Correspondência missionária; Curso bíblico por correspondência; Obra médica missionária; Luta anti-alcoólica; Obra de beneficência; Campanhas Missionárias; Finanças; Relatórios missionários.

Esta lista, porém, ainda que sugestiva,



Os delegados ao congresso de obreiros leigos em frente do templo do Porto

não deixa adivinhar quão interessante e vivas foram as diferentes sessões de estudo. Só quem tenha ouvido os pastores Esteb e Charpiot pode avaliar o interesse do que foi apresentado.

Tomaram-se algumas resoluções, que aparecem noutra local desta Revista.



A igreja de Canelas, quando da sua inauguração, a 10 de Maio

Na sexta-feira, à noite, realizava-se uma impressionante cerimónia. Após a emocionante pregação do Pastor W. R. Beach, e em seguida a um breve exame,

desceram às águas baptismas treze preciosas almas. Pena é que não tenhamos oportunidade para contar os milagres da graça de Deus operados em favor de algumas dessas almas.

Como remate deste Congresso, ficará na lembrança de todos o culto final de consagração no Sábado de manhã, no qual pregou o Pastor A. A. Esteb.

À tarde, teve lugar a dedicação solene da capela de Canelas. Depois de longa demora, ergue-se finalmente, simples mas elegante. Pena é que não tenha podido conter nessa tarde todos os irmãos e amigos que vinham assistir à cerimónia. Pregou o sermão de dedicação o Pastor W. R. Beach. Conta Canelas actualmente com 30 membros. Estamos certos de que a dedicação do edifício assinalará o início de grandes progressos nesta região.

À noite, assistimos a uma interessante sessão festiva promovida pelos M. V. do Porto e arredores. Durante ela, procedeu-se à cerimónia de algumas investiduras nas Classes Progressivas. Pormenor a assinalar nesta festa, aliás já verificado através do Congresso. Pela primeira vez entre nós, o grupo coral da juventude do Porto apresentava-se impecavelmente trajado, com o seu uniforme de blusa ou camisa branca, laço preto e saia ou calça preta. Também pela primeira vez, ostentaram os M. V. do Porto o seu artístico estandarte.

Estavam terminadas as reuniões na Cidade Invicta. Ao voltarem para as suas igrejas, todos os congressistas vinham com a determinação de trabalhar mais e melhor para o Mestre. Foi um Congresso que todos apreciaram.

E. FERREIRA

Resoluções do Congresso dos Obreiros Leigos

Por unanimidade foram votadas no Congresso dos Obreiros Leigos, realizado no Porto de 7 a 10 de Maio, as seguintes resoluções:

Voto de Agradecimento

Neste primeiro Congresso de Obreiros Leigos, realizado em Portugal, os numerosos irmãos e irmãs, vindos de todas as

Igrejas do Continente, agradecem sinceramente a Deus esta tão grande bênção que lhes concedeu, e agradecem também à Conferência Geral e à Divisão Sul-Europeia, pela presença dos seus representantes, Pastores A. A. Esteb, W. R. Beach e F. Charpiot, cujas mensagens inspiradas e cheias de ricas experiências tanto inflamaram de santo entusiasmo e zelo cada delegado presente.

Cada membro ganhando uma alma

Considerando o apelo da Conferência Geral para que envidemos os melhores esforços no sentido de dobrar o número de membros de nossas igrejas e reconhecendo que é chegado o momento de fazer despertar o nosso espírito de consagração e fervor missionário.

Recomendamos: 1.º — Que cada membro de igreja una os seus esforços aos do obreiro local, trazendo ao menos uma alma aos pés de Jesus;

2.º — Fazer deste objectivo um assunto de contínua oração e perseverante estudo, a fim de que Deus envie o Seu Espírito sobre as pessoas com quem entrarmos em contacto;

3.º — Que, para a realização deste plano, cada um trabalhe com amor, fé e zelo.

Despertamento do espírito missionário entre os membros de igreja

Considerando que «a obra de Deus na terra nunca poderá ser terminada até que os homens e mulheres que constituem nossas igrejas despertem para o trabalho e unam seus esforços com os dos ministros e oficiais da igreja». (*Test.*, vol. 9, p. 117).

Recomendamos que em nossas igrejas se dê maior atenção às actividades missionárias dos membros leigos, e

Oramos para que Deus revista de um novo espírito de consagração ao trabalho missionário a todos quantos assistimos a este congresso e nos torne Seus instrumentos para despertar novo entusiasmo nos outros membros de igreja.

Organização do trabalho missionário nas igrejas

Considerando que «o tempo é breve, e nossas forças devem organizar-se para se fazer um trabalho mais amplo.» (*Test.*, vol. 9, p. 27,

Recomendamos que desde já se tomem todas as medidas possíveis para se organizar o trabalho missionário, em grupos, em todas as igrejas.

Cursos de Obreiros Leigos

Considerando os benefícios espirituais e os resultados já obtidos em almas salvas pelo esforço dos obreiros leigos;

Considerando que essas forças vivas nas igrejas muito mais poderiam fazer se fossem devidamente instruídas e organizadas na forma de fazer um trabalho sistemático,

Recomendamos que em cada igreja se estabeleça um Curso de Obreiros Leigos, dirigido pelo obreiro local, de acordo com os respectivos manuais preparados pela Conferência Geral e traduzidos em português.

Liga do Bolso do Rei

Reconhecendo o poder do Evangelho para converter as almas através da página impressa,

Resolvemos consagrar um bolso ao Senhor para trazermos sempre connosco folhetos missionários, aproveitando todas as ocasiões para os distribuir, e para vender e emprestar nossas publicações.

Cruzada Missionária

Considerando que são relativamente pouco numerosas as pessoas que vêm às nossas reuniões e que ao nosso redor há muitas que igualmente necessitam do Evangelho,

Recomendamos que se realizem nas igrejas saídas gerais para visitas missionárias sistemáticas de casa em casa, orando pelos doentes e sofredores, e pedindo a bênção de Deus sobre os lares visitados.

Fundo das Sociedades Missionárias

Sabendo que é um princípio estabelecido pela Conferência Geral que cada Sociedade Missionária tenha os seus fundos próprios, para fazer face às despesas de propaganda e evangelização a ser realizada pelos seus membros leigos:

Recomendamos que esses fundos sejam obtidos pelas seguintes formas usuais:

1.º — Pela colecta do culto missionário do primeiro Sábado de cada mês;

2.º — Pela percentagem obtida na venda de literatura realizada pelo grupo de colportagem (ou grupo de literatura), organizado em cada igreja.

O Centenário da Escola Sabatina

III

FAZENDO O PONTO

Uma das nossas revistas, publicava, há muitos anos, as seguintes informações a respeito do departamento da Escola Sabatina:

«É possível seguir a marcha das actividades deste departamento desde 1852. Foi ao fim de vinte anos que os trimensários tomaram a forma e a apresentação que lhe conhecemos actualmente. Os primeiros relatórios da escola Sabatina fizeram a sua aparição em 1853. Desde 1870, os membros das escolas foram divididos em três secções: Adultos, Jovens e Crianças. Em 4 de Março de 1878, o conselho da Conferência Geral reconheceu o departamento como organismo oficial da denominação; neste mesmo ano, estabeleceram-se os primeiros relatórios estatísticos da Escola Sabatina. Antes da expansão da nossa obra missionária, os fundos recolhidos pelas colectas serviam para suprir as despesas das escolas locais. Mas em 1855, a Federação Columbiana (Estados Unidos) decidiu fazer uma colecta em favor das missões, em cada uma das suas escolas. Trinta e dois anos mais tarde, em 1877, a quantia de 10,165 dólares era consagrada ao estabelecimento da nossa primeira estação missionária em África.»



Em relação às outras secções do campo mundial qual é, actualmente, a posição da nossa Divisão no que concerne ao desenvolvimento do departamento da Escola Sabatina? Os números que seguem dão uma ideia:

a) *Território*: 52 países e ilhas, compreendendo o Estado do Vaticano, que num próximo futuro terá de ser evangelizado também.

b) *População*: 260 milhões de almas.

c) *Membros da igreja*: 83.010 em 30 de Setembro de 1951. Unicamente a Divisão Norte-americana, com mais de 250.000 membros ultrapassa este número.

d) *Membros da Escola Sabatina*: Em Setembro de 1951, ocupávamos o quarto

lugar, com 93,647 membros, depois das Divisões Norte-americana (246.372, Sul-africana (179.809) e Inter-americana (108.345).

e) *Ofertas da Escola Sabatina*: O seu total coloca-nos em sétimo lugar nas dez Divisões que compõem o campo mundial. Se todos os países da Europa de que estamos separados actualmente nos enviassem a sua contribuição, ocuparíamos provavelmente o quarto lugar.

f) *Baptismos*: Em 1951, elevaram-se a 8.825 para o campo mundial; a Divisão Sul-europeia teve, só à sua conta, 2.366, ou sejam 26 % do total. É um magnífico resultado, que nos exigirá grandes esforços se o quisermos manter nos anos futuros. Esperamos consegui-lo, graças à boa vontade de todos os nossos membros.



Neste ano em que a denominação celebra o Centenário da Escola Sabatina, que deveremos fazer para dar um novo impulso ao nosso departamento? Num artigo anterior, apresentamos algumas sugestões. Gostaríamos de as relembrar e acrescentar à sua lista alguns pontos importantes.

a) O nosso primeiro dever é *manter* o nível atingido. Nem recuos, nem baixas, nem diminuições. Todas estas palavras devem ser eliminadas do nosso vocabulário. Lembremo-nos de que cada passo atrás é uma vitória para o inimigo. Ponhamos em prática o conselho de Paulo a Timóteo (I Tim. 6:20), e guardemos preciosamente o depósito que Deus nos confiou.

b) Preparemo-nos para avançar. Manter não é tudo. É preciso reforçar as suas posições por novas conquistas. Estas não são possíveis em todos os domínios; no entanto, há alguns onde poderiam ser coroadas de êxito. O que primeiramente nos deve preocupar é o aumento do número dos alunos. Em muitos lugares ainda se não conseguiu obter a presença de *todos* os membros da igreja na escola sabatina. Se cada União prosseguisse na sua marcha actual, seriam precisos ainda seis anos para que o número de alunos da Escola Sabatina da nossa Divisão fosse o dobro de que era em 1950. Esperamos que

os nossos membros façam o possível para abreviar esse espaço de tempo.

c) Não nos confinemos apenas aos limites da nossa escola. Não assistamos passivamente à exposição das lições; tomemos uma parte fazendo perguntas e objecções. Levemos os nossos amigos à Escola Sabatina. Reunamos em nossa casa, na sexta-feira à noite, ou durante a semana, os que não estão livres no Sábado de manhã e formemos assim escolas anexas, escolas bíblicas missionárias, graças às quais poderemos realizar um excelente trabalho de evangelização.

d) O aumento do número de membros terá como consequência um aumento proporcional no montante das ofertas. Que todos os que amam o Salvador e desejam realmente pôr em prática o Evangelho, abram os seus corações à generosidade.

Nas raras escolas em que as colectas atingem somas elevadas, a direcção fará

bem em instituir um fundo de inversão e voltar ao uso dos dons natalícios. A nossa Divisão está longe de figurar à cabeça da lista dos relatórios financeiros no que diz respeito a estas duas rubricas.

e) Consideremos por último os baptis- mos. Neste ponto, o êxito do passado deve servi-nos de estímulo. Possa o bom resultado obtido no último ano ajudar-nos a ultrapassá-lo no futuro. Cada direc- tor da escola sabatina deveria tomar a peito obter em 1952 um número de bap- tismos de alunos, mais elevado do que em 1951. Se conseguirem esse resultado, poderíamos ter a certeza de atingir o nosso alvo em 1952.

1952 ano do Centenário da Escola Sa- batina.

1952 ano de êxitos não igualados.

Departamento da Escola Sabatina —
Divisão Sul-europeia.

A Escola Sabatina em Portugal

— Seu início e evolução

Em 1904 foi fundada em Lisboa a primeira Escola Sabatina de Portugal pelo Missionário C. E. Rentfro chegado da América nessa data. Alugou uma casa na rua de S. Bernardo, à Estrela. Os primeiros alunos foram ele e a esposa. Como não conheciam a língua portuguesa exprimiam-se por gestos e maneiras.

Apesar disso, não ficaram inactivos. Estabeleceram contacto com a colónia inglesa e uma senhora dessa nacionalidade, Lucy Portugal, assim chamada por ter casado com um português desse nome, interessou-se pela Escola Sabatina e uniu-se a ela. Esta irmã faleceu em 1924.

Durante a sua vida exerceu boa influên- cia na Escola Sabatina tanto pelo seu zelo como pelo seu carácter afável. C. E. Rentfro aprendeu depressa a língua, que falava regularmente. Em 1906, seis pessoas do bairro juntaram-se à Escola Sabatina.

Pouco tempo depois, tratava-se de bap- tizar esse primitivo núcleo, mas C. E. Rentfro não era pastor consagrado. Foi

preciso mandar vir um pregador do Bra- sil com essas atribuições.

O pregador chegou, era um tal Schwants brasileiro de origem alemã, homem de ele- vada estatura, usava barba e falava por- tuguês-brasileiro com neologismos que fa- ziam rir. Os baptismos foram feitos na praia do Alfeite.

Naquele tempo estavam os muros da sala de reunião da rua de S. Bernardo cobertos com painéis, a estátua e animais dos livros de Daniel e Apocalipse. Mapas, diagramas com datas. O público pergun- tava qual era o mistério daqueles bichos. O jornal «O Século» mandou lá um re- porter indagar da nova religião e da signi- ficação dos animais. O reporter, um tal Benoliel tirou fotografias de todos os pai- néis que foram publicados na «Ilustração Portuguesa» e no jornal «O Século» da- quele tempo com artigos aparatosos sobre o fim do mundo.

Em 1906, os dois pregadores foram ao Porto sondar a forma de criar ali uma Escola Sabatina. Alugaram uma sala na rua do Bomfim, 24 e poucos meses depois surgiu a Escola Sabatina com meia dúzia

de alunos. Entre eles havia um chamado Carmezim, antigo colportor da Sociedade Bíblica Britânica, reformado, que se recordou ter vendido uma Bíblia e interessado, nos tempos em que era colportor, dois irmãos de sangue, Sebastião e Joaquim, moradores em Vila Meã, Douro. Pediu que esses dois homens fossem visitados. Lá foi com C. E. Rentfro e Schwants. Lá chegaram. — «Que há de novo?» — «De novo, novas luzes. A Vinda de Jesus está próxima e o Sábado é o verdadeiro dia de repouso». Essas novas luzes foram estudadas em mangas de camisa em casa de Sebastião, num quintal, debaixo duma ramada, no verão de 1906. Os dois irmãos convenceram-se. Já morreram, fortemente convencidos e confortados na aparição de Jesus. Hoje, em Vila Meã, há 15 alunos da Escola Sabatina que esperam o Senhor Jesus.

Por estas ocasiões, no Porto, C. E. Rentfro colportava. Vendeu uma Bíblia a Joaquim Dias Gomes, pai de A. Dias Gomes, em Vila Nova de Gaia, rua Direita. Como consequência, uma Escola Sabatina foi ali fundada. O Senhor Gomes ofereceu benévola e generosamente uma sala para esse efeito. Meia dúzia de alunos a frequentaram, incluso o que estas linhas escreve. A. D. Gomes era nessa época um menino de 7 anos. Em 1907 foram baptizados na praia da Aguda próximo de Espinho, os alunos desta Escola Sabatina que foram Joaquim Dias Gomes e esposa e João de Sá, autor destas linhas.

Nesta altura as Escolas Sabatinas no Porto foram dispersas. O pregador Schwants regressou ao Brasil, Joaquim Dias Gomes, empregado dos correios, reformou-se e foi viver com a família para Chaves — Trás-os-Montes.

Carmezim, Sebastião e Joaquim, morreram. João de Sá entrou na colportagem e fixou residência em Lisboa. Quando lá chegou tinha mudado a sala da Escola Sabatina. Estava agora na rua de S. Bento, 135. Lá estavam também os painéis pendurados nos muros. Nesta rua uma nova família foi ganha para a Escola Sabatina. Chegou da Inglaterra — A. F. Raposo. Peço benevolência a este irmão para recordar um episódio do qual foi ele o herói. O pai tinha-o mandado para Londres estudar. Por lá conheceu os Adventistas e com eles estudou a Bíblia. Foi aluno da Escola Sabatina em Londres e continuou em Lisboa. Teve ligeiras difi-

culdades quando disse ao pai que era adventista. O pai que conhecia vagamente os adventistas ficou estupefacto. Perdeu o apetite e o sono. Bem relacionado em Lisboa foi-se aconselhar com uns amigos, doutores, lentes da Politécnica. Tranquilizaram-no que não se ralasse. O rapaz tem manias, tem ideias arreigadas. O remédio foi prescrito: músicas, teatros, cinemas, passeios, vida intensa. O pai convicto, já dormia, já comia. Mas o rapaz respondeu pela negativa e ainda fez mais. Produziu uma revolução passiva na família, com espanto do pai. Um a um trouxe os irmãos à Escola Sabatina. Depois trouxe as irmãs, que acharam que é na Escola Sabatina que se está bem e lá ficaram. Depois veio a mãe. Achou que era lá que se estava bem e lá ficou. Depois veio o pai em qualidade de observador, sondar o que por lá ia. Achou que a Escola Sabatina valia mais do que músicas, teatros e passeios.

Da rua de S. Bento mudou a Escola Sabatina para a rua dos Poiais. Esteve lá dois anos, teve sucesso, aumentou. A ela se juntaram ali as famílias Abel Gomes, Pires, José de Oliveira, Dolde e ainda outros. Lá estavam também os painéis. Para onde ia a Escola Sabatina iam também os painéis dentro duma caixa.

A táctica empregada era esta: Quando a Escola Sabatina mudava lançava o apelo por meio de convites. Os que respondiam e se interessavam, ingressavam na Escola Sabatina. Depois quando a rua e o bairro não respondiam mais, mudavam-se.

Em 1910, encontrava-se a Escola Sabatina na rua da Cruz de Chagas, ao Calhariz. Em 1911, no Intendente. Em 1912, na Graça. Cada vez que mudava aumentava de volume e em número. Pouco a pouco desapareceram os painéis para me deixar saudades, porque geralmente era eu que os levava às costas dentro duma caixa. Da Graça foi para a Calçada do Cascão.

Nas suas mudanças sucessivas a Escola Sabatina viveu sempre em circunstâncias modestas. Não se aventurava a alugar salas caras porque o dinheiro era escasso. Os obreiros em geral recebiam salários irrisórios. O fato e o chapéu que traziam brilhavam à força de lhe passar em cima a escova e o ferro.

A melhor sala que teve foi na Calçada do Cascão. Foi a mais ampla, mas o bairro era obscuro. No lapso deste tempo criaram-se as Escolas Sabatinas do Porto, Aveiro,

Tomar e Portalegre. Esta última foi criada por duas irmãs. Uma Cesária e outra que não me recordo. Ambas faziam parte da Escola do Cascão. Mudaram para aquela cidade e com elas apareceu a Escola Sabatina de Portalegre. Na calçada do Cascão contava a Escola Sabatina mais de 200 alunos. Ali viveu de 1915 a 1924. Totalizou ali duas décadas da sua existência vividas de bairro em bairro, de rua em rua, difundindo a luz do Céu e vivendo as vitórias de Deus.

Quando da Calçada do Cascão mudou para a Rua Joaquim Bonifácio, ocupou dignamente o templo que lhe foi preparado. Depôs ali aos pés do seu Chefe, Autor e Consumador de toda a fé, os troféus dos seus combates de 20 anos.

O autor destas linhas não diz mais da Escola Sabatina do campo português, porque nessa altura veio fixar residência com sua família em França, Nice. Quando chegou estabeleceu contacto com a Escola Sabatina que frequentou 12 anos, até 1940. Nesta data, quando a Itália atacou a França às portas de Nice, retirou-se no meio duma multidão de refugiados. De

etapa em etapa, chegou no fim de quatro dias a esta região de Cevenes, sul da França. Grande foi a sua alegria de encontrar um grupo de adventistas hospitaleiros, cheios de fé e actividade. Desde então tem vivido em comunhão com eles na Escola Sabatina.

Nesta região montanhosa de Cevenes numerosos são os grupos adventistas espalhados por estas aldeias, distantes uns dos outros por 5, 8, 10 e 15 quilómetros. Apesar disso, aos Sábados descem a encontrarem-se uns com os outros na Escola Sabatina. Frequentam-na com pontualidade e tomam parte activa em tudo que é feito para o seu engrandecimento.

Vivem uma vida simples e pacata em perfeita harmonia com a Bíblia e com a mensagem.

De passagem, esteve aqui o Irmão Dias Gomes, dirigiu-nos a palavra e animou-nos a permanecer na Benaventurada Esperança. Faz planos para visitar todos estes grupos, logo que as circunstâncias o permitam.

JOÃO DE SÁ LAGO

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

Relatório de Abril de 1952

Nomes	Horas	Livros	Revistas	Total
José S. Carrilho	—	20.000\$00	—	20.000\$00
José E. Santos	156	5.070\$00	—	5.070\$00
Isaías da Silva	156	3.360\$00	—	3.360\$00
Adelino N. Diogo	209	2.190\$00	815\$00	3.005\$00
Diversos	78	1.950\$00	540\$00	2.490\$00
João J. Nobre	130	2.010\$00	225\$00	2.235\$00
Júlia Costa	76	—	1.562\$00	1.562\$00
Maria Luísa Saboga	160	—	1.350\$00	1.350\$00
João António	120	955\$00	75\$00	1.030\$00
Idalina Ferreira	23	—	905\$00	905\$00
Júlia Sanches	160	—	705\$00	705\$00
Clemente A. Sales	36	600\$00	—	600\$00
Orlando T. Costa	14	540\$00	—	540\$00
Flora Saramago	74	—	452\$00	452\$00
	1.351	36.675\$00	6.629\$00	43.304\$00

O Secretário de Publicações

FERNANDO MENDES

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO PARA COLPORTORES



Os colportores no momento da partida para o campo de trabalho

Com a presença de duas dezenas de colportores, incluindo os alunos, realizou-se, no Seminário de Portalegre, de 10 a 13 de Maio, o curso de colportagem.

A direcção deste curso esteve a cargo do pastor F. Charpiot, secretário de Publicações da Divisão Sul-Europeia. Colaboraram no mesmo os pastores Gerber e Schuberth, da Divisão e E. Ferreira, P. Ribeiro, A. Raposo e A. Miranda, da União.

O Pastor Charpiot, que teve a seu cargo grande parte do programa, falou-nos de assuntos de grande interesse, que, creio, tão depressa não sairão da mente dos nossos colportores.

Depois de historiar um pouco sobre a origem deste importante departamento, o irmão Charpiot demorou-se algum tempo falando-nos da difícil arte de vender, dividindo este assunto em sete partes, que são os sete degraus que o colportor terá de subir, até concluir a venda. Todos os temas foram ilustrados com experiências de outros campos, prendendo assim mais a atenção dos nossos colportores. À medida que este irmão ia falando, alguns dos nossos alunos, decididos a passarem as férias com suas famílias, foram tocados de tal maneira que resolveram fazer as suas experiências na colportagem durante

as férias. Acreditamos que essas experiências lhes serão de grande benefício, pois reconheceram que, «se há um trabalho mais importante do que outro, é o de colocar nossas publicações perante o público, levando-o assim a examinar as Escrituras». *Colportor Evangelista*, pág. 83.

Uma boa parte do tempo foi dedicada ao estudo do novo livro, «Aspectos da Idade Atômica». Esta brochura, de 256 páginas, escrita numa linguagem fácil, chama a atenção do público para os acontecimentos dos nossos dias, mostrando a necessidade de aceitarem Jesus. É um livro de mensagem que o colportor deverá apresentar claramente, para que possa, no reino dos céus, ver o fruto do seu trabalho. Diz-nos a irmã White: «Chegou o tempo em que os colportores devem fazer um grande trabalho. O mundo está adormecido, e como atalaias, eles devem fazer soar o toque de alarme para despertar os adormecidos quanto ao perigo em que se encontram.» *Testimonies*, vol. VI, pág. 315.

Depois deste belo curso de preparação, os nossos colportores saíram para os seus campos de trabalho, confiados no êxito que este novo livro alcançará. Os primeiros resultados são animadores.

F. MENDES

Collonges visto pelos Portugueses

Na encosta do Salève, monte bem conhecido de uma grande parte dos turistas e alpinistas pela sua beleza e seus elevados picos bem difíceis de escalar, se encontra o belo e activo Seminário Adventista do Salève.

Rodeados de uma propriedade de quarenta hectares, se encontra uma vintena de edifícios que o constituem. No meio de terrenos bem cultivados, belos jardins e um pequeno mas encantador bosque se destacam os edifícios mais importantes, que são: «les sources» habitação dos rapazes que pode alojar setenta e cinco alunos, «Le Parc» residência das raparigas e «Le Central» onde se encontra a capela, as salas de aulas, escritórios da direcção, etc.

Como dizia um jornalista, numa reportagem feita sobre o Seminário, num dos jornais da região:

«O Seminário Adventista de Collonges Sous-Salève, é um colégio Universal de teologia superior do Movimento Adventista na Europa.»

Realmente quando nós aqui chegámos tivemos uma estranha e agradável impressão de que nos encontrávamos numa parte do globo sem nacionalidade definida. Pois embora estejamos em França, e a língua oficial seja o francês, é vulgar ouvir falar italiano, inglês, alemão, espanhol e português, e assim até vinte e quatro, número de línguas e dialectos que aqui estão representados.

Collonges deu-nos assim a oportunidade de entrar em contacto com alunos de outras nações e outros costumes, mas que como nós comungam nos mesmos princípios das Sagradas Escrituras, e partilham o mesmo ideal que o nosso: «A mensagem do Evangelho a todo o mundo».

Há dias quando o general director da Cruz Vermelha Francesa nos visitou disse (falando da boa organização e ordem que reina entre nós):

«Verdadeiramente o Seminário de Collonges é uma O. N. U., mas uma O. N. U. cristã, e eu creio que os delegados da O. N. U. do Mundo teriam muito que aprender convosco, e o meu grande desejo seria que «todos esses grandes Senhores» viessem aqui fazer um estágio, o que muito benefício traria à humanidade.»

Sem dúvida alguma nós aqui aprendemos a amar-nos uns aos outros, sem distinção de raças ou de nações, todos unidos pelo mesmo espírito de trabalho para Cristo.

No que concerne aos estudos, podemos classificar o nosso Seminário como uma Academia, escola técnica e comercial, e cursos de formação geral. A amplitude dos estudos que se podem fazer em Collonges são tão variados, que eu duvido que se possa encontrar em França, e mesmo na Europa, qualquer instituição semelhante.

O programa lectivo do Seminário é bastante completo, não lhe faltando ao menos uma «soirée» por semana dedicada à recreação.

Uma das mais interessantes «soirées» deste ano foi, sem dúvida, a que se realizou quando estava presente o «Comité» de Educação da Divisão, presidido pelo Irmão Beach. Foi escolhido um aluno de cada país aqui representado, para apresentar, em nome do seu país, as saudações ao «Comité».

Coube-nos a honra de representar Portugal nesta pequena, mas significativa, cerimónia. Depois de apresentar as saudações, dirigimo-nos para o centro da sala onde se encontrava uma grande cruz, e aos pés da qual todos os representantes depuseram suas bandeiras nacionais. Seguidamente, dando as mãos em torno da cruz, pedimos a Deus que nos ajude a lutar não por qualquer partido político, mas unicamente por Deus e pela salvação das almas.

Nós, os portugueses, estamos bastante contentes com a nossa estadia aqui, pois traz-nos novos conhecimentos, alargando ao mesmo tempo os nossos horizontes e aspirações.

Embora nós saibamos que a obra nos espera, e que a causa tem necessidade de nós, reconhecemos igualmente que agora mais do que nunca é preciso uma preparação eficaz, e é sem dúvida aqui em Collonges que ela se pode adquirir.

Ao terminar este pequeno artigo, peço a todos os Irmãos que se lembrem nas suas orações dos nossos seminários, e em especial Collonges, e dos portugueses que aqui se encontram.

António Simões Baião

NOTÍCIAS DO CAMPO

Pastores A. A. Esteb, W. R. Beach e F. Charpiot. — No dia 7 de Maio, chegaram ao Porto estes nossos irmãos dirigentes, a fim de assistirem ao Congresso dos Obreiros Leigos, que se realizou naquela cidade, de 7 a 10, como noutra local noticiamos.

O Pastor Esteb vinha acompanhado por sua Esposa e Filha e o Pastor Beach por sua Esposa. Aproveitando a presença destas experimentadas esposas de ministros pedimos-lhes para dirigirem algumas palavras às esposas dos obreiros portugueses ali presentes. Na tarde de sexta-feira, acedendo ao nosso convite, proferiram algumas palavras de encorajamento e conselho, que foram muito apreciadas por todas quantas estavam presentes.

Nessa mesma sexta-feira à tarde, dirigiu-se o Pastor F. Charpiot a Lisboa, onde tomou a palavra no culto de Sábado, 10, seguindo depois para Portalegre, a fim de assistir ao Curso de aperfeiçoamento de colportores, que ali se realizou de 11 a 13.

No Domingo de manhã, os Pastores Esteb e Beach seguiram para Lisboa, em cuja igreja pregaram nesse mesmo dia à noite, dirigindo-se na segunda de manhã para a Espanha.

Pastor R. Gerber e Dr. Otto Schuberth. — A fim de tratarem de assuntos relacionados com a nossa Escola e com o futuro da obra da Educação em Portugal, estiveram de 9 a 12 de Maio em Portalegre, acompanhados por suas Esposas, o Pastor R. Gerber e o Dr. Otto Schuberth, respectivamente tesoureiro e secretário do Educação da Divisão Sul-Europeia.

Pastor Manuel de Castro. — Vindo de Angola, encontra-se entre nós, desde o dia 16, o missionário Pastor Manuel de Castro que, com sua Esposa e Filhos, se dirige ao Brasil, onde passará as suas merecidas férias. Apresentando-lhe as nossas boas-vindas, desejamos-lhe, bem como a sua Família, rápido restabelecimento da sua abalada saúde.

José Abella. — Impossibilitado de continuar em S. Tomé, devido a grave doença de seu Filho, chegou a Lisboa, no mesmo dia, o Irmão José Abella, que continuará a trabalhar na Metrópole. Com um abraço de boas-vindas, desejamos melhoras completas para o seu filhinho.

Pastor N. W. Dunn. — Vindo de Zurique, chegou a Lisboa, no passado dia 13, o Pastor N. W. Dunn, secretário associado da Conferência Geral, que se encontra de visita a diferentes países da Europa.

Durante a sua estadia entre nós, o Pastor Dunn visitou incansavelmente o maior número possível de igrejas, a todas animando com as suas oportunas mensagens.

Acompanhado pelo Pastor Ernesto Ferreira, fez uma curta mas proveitosa visita à Missão da Madeira, que há muito não tinha a presença de um irmão da Conferência Geral.

Partiu de Lisboa, de avião, no dia 15, e nesse mesmo dia à noite já dirigia a palavra à Igreja do Funchal. No dia seguinte, além da palestra feita aos alunos da Escola Primária, tomou de novo a palavra na igreja e em seguida no Caniço, onde se reuniu um grupo de cerca de cinquenta pessoas, que o ouviram atentamente. No Sábado de manhã realizou-se um culto de consagração, em que o Espírito de Deus se revelou presente. À tarde, dirigiu a palavra aos jovens, que tinham a sua reunião habitual. Voltou ainda a falar nesse dia à noite, assim como no Domingo. Foi uma visita abençoada e muito apreciada por todos os nossos irmãos da Madeira.

Na segunda, 19, voltava para o Continente, pregando nesse mesmo dia na igreja de Tomar.

No dia 20 visitou a Escola de Portalegre, falando à noite na Ribeira de Nisa a uma numerosa assistência, entre a qual se contavam os alunos do Seminário e vários membros da igreja da cidade.

No dia 21 já estava em Coimbra, onde falou perante numeroso auditório, que excedia a capacidade dos bancos da sala.

Em 22, dirigiu a palavra no Porto, e em 23 em Setúbal, sempre a grandes auditórios.

No Sábado, 24, encontrava-se perante a Congregação de Lisboa, apresentando uma oportuna mensagem. Não quisemos deixar desaproveitada a ocasião, para lhe pedir que dirigisse a palavra aos jovens, como de facto fez na reunião da tarde.

O Pastor Dunn deve ter ficado muito cansado com esta visita a Portugal, mas ao partir para Espanha, no dia 26, deixava atrás de si um rasto luminoso.

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Nisa

Às 23 horas e 10 minutos do dia 21 de Março p. p., faleceu o nosso Irmão na fé, António Maria Pires, com a idade de 75 anos.

Apesar da sua avançada idade, era ainda um membro activo da igreja de Nisa e um entusiástico colaborador nas reuniões da juventude.

As cerimónias do funeral foram dirigidas pelo Pastor A. Raposo que teve óptima oportunidade para falar, a um grande auditório, da esperança do cristão na ressurreição dos Justos e da final reunião com Cristo.

À família enlutada dirigimos as nossas condolências.

R. Meneses

MISSÃO DA MADEIRA

Não somos de opinião dar notícias menos verídicas; nem tão pouco quando elas são desanimadoras. Eis, pois, o motivo do nosso longo silêncio.

Solicitado, no entanto, a dizer-vos algo do nosso trabalho nesta risonha ilha (que o é apenas no que diz respeito às belezas naturais de que Deus a revestiu), pois quanto aos corações, são duros de mais para se renderem a Jesus.

Fazemos além do trabalho na cidade, que vai regularmente, outros trabalhos missionários na freguesia de Caniço (outrora perseguidora mas onde vêm já às reuniões os nossos principais perseguidores de outro tempo), na vila de Santa Cruz e na Ribeira Grande, conselho e freguesia de Machico.

Neste último lugar e pela graça de Deus, uma sincera família, composta de mãe, já viúva, e de três filhas e um jovem que tem ao seu serviço (mas que graças a Deus e pelo Evangelho, irá brevemente participar da mesma), se entregou de alma e coração a Jesus. As primeiras, membros da Igreja Evangélica daquele lugar e o último católico praticante até à cerca de um ano, quando começou de coração sincero a escutar a palavra de Deus. O pai deste fez-lhe tremenda guerra, não obstante ser já maior, tentando tirá-lo daquela casa, agredindo-o por diversas vezes e ameaçando-o de morte a cada passo. Uma vez e à nossa vista, pôs-lhe uma foice em volta do tronco e disse: ou deixas os adventistas ou rolo-te já com esta foice! Resposta firme, muito embora de respeito para com o seu pai: se entende que essa atitude é cristã e do agrado de Deus faça-o, mas eu serei sempre fiel a Jesus. Vários católicos se regozijavam observando esta cena e incitando-o a agredi-lo, mas os anjos de Deus intervieram, livrando este seu filho das mãos do pai agressor! Sem mal algum lhe suceder.

Como falhassem todas as agressões e ameaças, resolveu mais sensatamente o pai levá-lo ao pároco da freguesia. Mas apesar de novo no conhecimento do Evangelho, soube o bastante para se defender dos principais pontos da sua fé, e nos restantes que não soube explicar, pediu ao padre para que permitisse que nós fôssemos entrevistado por ele, na sua presença, e ele então em face da razão decidiria o caminho a seguir, o que depois de muita insistência conseguiu. No dia combinado e numa das dependências da Igreja Matriz, fomos encontrar não um, mas cinco padres prontos a derrotar-nos, mas não obstante a sua atitude apenas defensiva, e após mais de quatro horas de discussão, o resultado foi negativo para eles, e o jovem, na presença do pai e de outros assistentes, tomou firme a decisão de seguir sem reservas a Jesus, visto que se tinham dissipado as suas últimas dúvidas.

O padre aconselhou depois o pai deste a não mais o perseguir, em vista de ser maior, e não ter já responsabilidade com ele, conselho que graças a Deus ele tomou. E hoje respeita-o, sem nunca mais lhe falar em pontos de doutrina.

Passado cerca de um mês e também depois de muita guerra, movida contra nós e principalmente contra a dita família, o reverendo Power, pastor principal dos protestantes naquela localidade, aprendendo com o padre, pediu-nos também uma entrevista em casa desta família e na presença da maioria dos membros da sua igreja. Mas como aqueles, no fim de duas horas de discussão dos principais pontos de controvérsia, ficou também sem argumentos, pediu-nos então por favor que não voltássemos mais a casa desta família, o que não atendemos, «porque mais importa obedecer a Deus do que aos homens.»

Começa então agora a guerra sem tréguas, uma dessas jovens que era professora das crianças evangélicas dali, é tirada do seu trabalho, o moleiro, sobrinho de uma e primo das outras, nega-se a moer-lhes o trigo, os trabalhadores recusam a trabalhar as suas terras, obrigando-as a deixar algumas por cultivar, e católicos e protestantes unidos na perseguição, roubam-lhes de noite o pouco que cultivam, a ver se as obrigam a voltar para trás, o que pela graça de Deus não conseguiram. Quando uma dessas jovens se casou, na antevéspera foram lançar moinha de trigo no caminho por onde havia de passar o cortejo, para ver se as obrigavam a varrer no sábado, mas foi trabalho baldado. O santo dia do Senhor foi observado.

Há pouco mais de quinze dias as duas meninas que se encontram agora em casa, com muito sacrifício ceifaram e trouxeram para o palheiro, na sexta-feira de tarde, dois feixes de erva para alimentar as vacas, mas de noite os bons critãos da sua terra, foram lá furtá-los para as obrigar a ceifar mais no sábado. Choraram por ver que os animais passaram todo o dia sem comer, mas só depois do sol-posto foram colher alguma coisa para lhes dar.

Uma das meninas da casa tem o seu marido, a quem muito ama, no Curaçau. Ele é evangélico também, e quando soube que nos ouvi-a, proibiu-a terminantemente, sob pena de a abandonar, de ouvir-nos mais alguma vez. Mas ela, não obstante amar o seu marido, ama a Deus sobre todas as coisas e preferiu ser abandonada pelo homem para ser protegida por Cristo.

A outra, que casou lá na terra, também com um primo, e evangélico, é uma verdadeira mártir não só do marido como dos restantes protestantes que o incitam a bater-lhe e a maltratá-la — e pregam eles que Deus é amor! Não há diferença entre católicos e protestantes no que diz respeito à intolerância e maus tratos.

Um dos seus pregadores, o presbítero Mendes, disse na nossa presença, pregando, que um tal Benjamin Duarte, pastor adventista em Cabo Verde, se tinha convertido aos evangélicos. Pedimos-lhe, delicadamente, no fim do culto, se nos permitia uma palavra para desfazer o equívoco e a resposta foi esta: não senhor, ponha-se lá fora! E diz a cada passo que em religião que é malcriado e que não nos pode ver! E pregam eles o amor!

Quem mente assim tão descaradamente, como pode dizer que prega só a verdade?

São homens desta natureza que iludem os pobres incautos da religião. Que Deus lhes abra os olhos.

Na «Madeira Nova» (órgão da igreja protestante) abriram uma série de acusações falsas contra os adventistas, obrigando-nos a fazer um folheto em resposta às mesmas.

O reverendo Figueira, o principal chefe evangélico da Madeira, escreve a seguir um desassizado artiguelho, no qual entre outras coisas semelhantes, dizia: «Saiba o senhor Viegas que a lei foi abolida e nessa lei, foi abolida também a dos dez mandamentos. A lei do País manda guardar o domingo e é um insensato quem faz o contrário.» Mas não teve, além destes disparates, a coragem de responder sequer a uma só pergunta das que lhe fizemos.

Por último e a mais recente perseguição, deu-se no dia 20 de Março.

Dois amigas (que se dizem amigas) desta família interessada, que são catequistas da igreja católica, desde há semanas e meses que andam a ver se convencem esta família a ir à missa e falar com o senhor vigário, para verem que a verdade está só na igreja católica. Diss^o am-lhe que o padre que tinha dito que gostava de falar com elas na nossa presença. Fomos, como disse, no dia 20, após a missa. Uma delas levou-nos para a sacristia, mas o padre disse que esperássemos numa outra dependência contígua. Daí a pouco vieram três padres, dois dos quais eram dos do primeiro encontro, o terceiro um velhinho de cerca de oitenta anos, agarra-nos por um braço tentando agredir-nos, o que não levou a efeito devido à pronta intervenção dos outros dois, que, apesar de tudo, também nos vexavam e procuravam por palavras indirectas incitar o povo contra nós (e o povo contava-se por centenas naquela altura). O que é certo é que, depois desta outra entrevista infrutífera, saímos da igreja para a rua, sem que nos molestassem, mas o mesmo não aconteceu às pobres senhoras, ao jovem e a um Irmão do Caniço, que propositadamente os apertaram dando-lhes pontapés e depois no carro agrediram ainda uma das meninas. Toda aquela multidão nos cercou, batendo com pedras e dando murros no carro. Mas os padres não intervieram, deixando as ovelhas-lobos mostrar o fruto da sua religião. Os anjos de Deus, no entanto, livraram-nos e podemos dizer que saímos ilesos deste horrível inferno povoado de santos! Tudo isto veio fortificar mais esta boa gente e dentro em breve, nos primeiros baptismos, estas cinco almas serão nascidas de novo para o Senhor. (É bom não esquecer que esta perseguição se deu no largo formado pela igreja de um lado e os Paços do Conselho do outro, mas nem as autoridades eclesiásticas nem as civis apareceram para nos auxiliar.

Orai por nós que, confiados no Senhor, ali continuamos a ir todos os sábados. — *M. Viegas.*

MISSÃO DE CABO VERDE

Do Boletim dos Departamentos, de Abril do ano corrente, extraímos os seguintes parágrafos:

«Decorre com entusiasmo a campanha missionária em todas as ilhas. Na Praia tivemos de ceder a máquina de projecções ao Fogo, onde a estas horas deverá estar já fazendo alvorço entre os corações sedentos de ouvir e ver ilustrações que lhes falem aos corações, mostrando-lhes um Salvador amante de todos e sempre pronto a esperar as nossas resoluções em O servir.

Do fogo recebemos o seguinte artigo que passamos a transcrever:

«Tanto jovens como adultos, todos, se acham activamente empenhados no seu aturado trabalho de campanha de Evangelização.

«Registamos a propósito a digressão do dia 20 de Abril, feita por um grupo de intrépidos soldados de Jesus e cuja abalada havia sido mar-

cada para as três horas da madrugada, sem tirar nem pôr.

«O seu principal objectivo era atingir a Ribeira do Ilhéu em sua bem planeada ofensiva missionária: pregações, estudos, visitas, cânticos, distribuição de folhetos, orações, etc.

«Graças ao Altíssimo, a jornada foi agradável, tendo sido os componentes do grupo providencialmente acompanhados por uma nuvem fresca que os refrigerava na sua constante marcha de M. V. Não obstante, a preocupação de todos enquanto jornadeavam — e alguns havia para os quais o local a ser visitado com o Evangelho era absolutamente desconhecido — parecia envolver dúvidas: se seriam ou não bem recebidos e se a boa Mensagem que levavam lograria entrada em alguns corações famintos e sensíveis à Verdade, numa palavra, se conseguiriam ganhar alguma alma sincera para Deus.

«O êxito porém não poderia ser melhor, resultando este tão feliz que nos leva a crer no facto de que a Ribeira do Ilhéu virá a ser ainda uma aldeia de adventistas. E não se trata aqui de fazer meras conjecturas, formular hipóteses ou acariciar quimeras, pois temos como certa uma nova mudança de opiniões religiosas, que há-de operar-se ali em breve, mercê da recente conversão do jovem Antero Lobo Gomes.

«Tendo pertencido ao Apostolado da Oração e gozando de grande reputação no seio dos que catequizava, a conversão de Antero fez estremer os corações de Ribeira do Ilhéu, razão por que um grande número deseja seguir as suas pisadas, pelo menos alguns dos seus irmãos, bem como a mulher com que ele vai contrair matrimónio.

«Portanto oremos, pedindo a Deus que nos abra a porta da Palavra a fim de que a Ribeira do Ilhéu em peso aceite desta vez a Mensagem Adventista.»

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. P. Mausell, E. Miranda
e M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

ASSINAI E CONVIDAI VOSSOS AMIGOS
A ASSINAREM A

«REVISTA ADVENTISTA»